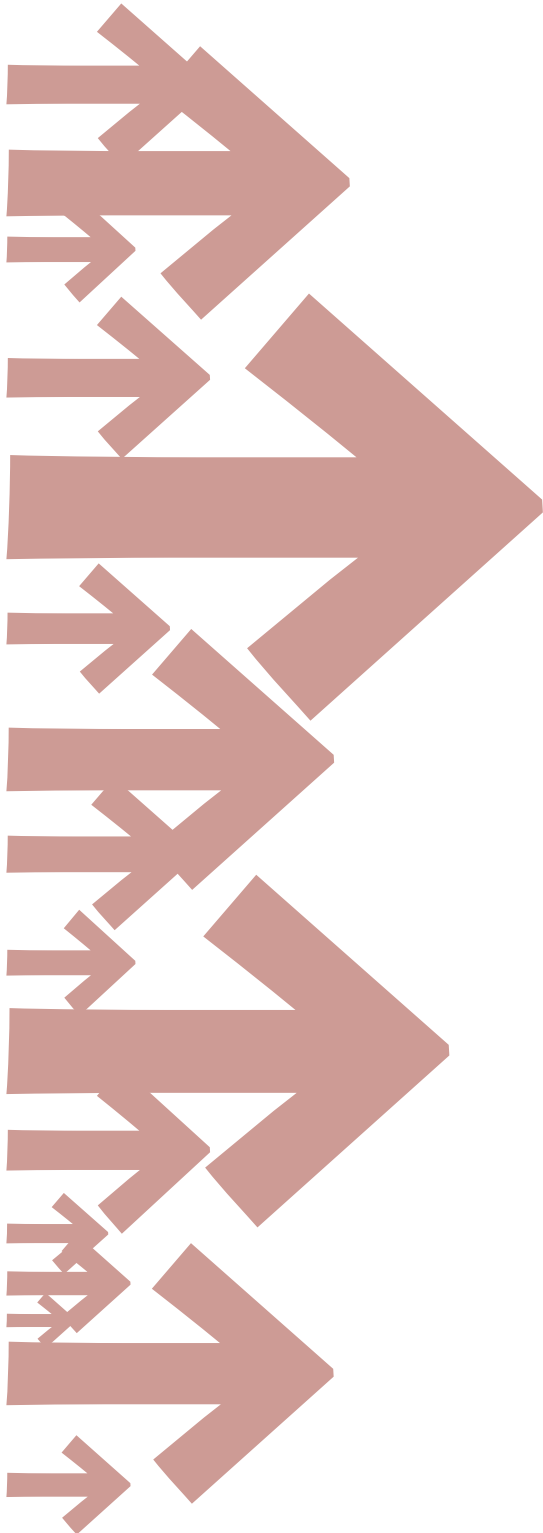




# **Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil**

[Artigo 6, páginas de 92 a 109]



### **Celina Dias Azevedo**

*Doutora em ciências sociais (2018) e mestra em gerontologia (2009) pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP). Especialista em gestão de programas intergeracionais pela Universidade de Granada (2011) e em gerontologia social pelo Instituto Sedes Sapientiae (2000). Docente no curso Fragilidades do Envelhecimento: Gerontologia Social e Atendimento, da PUC/SP.*  
[celinazevedo@gmail.com](mailto:celinazevedo@gmail.com)

### **Ioná Damiana de Souza**

*Especialista em pesquisa de mercado e comunicação pela Escola de comunicação e artes da Universidade de São Paulo, formada em sociologia e política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (PespSP) e assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Serviço Social do Comércio (Gepros/Sesc).*  
[iona.damiana@sescsp.org.br](mailto:iona.damiana@sescsp.org.br)

### **Rosângela Barbalacco**

*Pós-graduada em história das artes (2013) e graduada em comunicação social (2003) pela Universidade Metodista de São Paulo. Assistente técnica da Gepros.*  
[rosangela.barbalacco@sescsp.org.br](mailto:rosangela.barbalacco@sescsp.org.br)

## Artigo 6

Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil

**RESUMO**

A produção de conhecimento por meio da realização de pesquisas torna-se, também, caminho para aprendizagem sobre o processo social com a possibilidade de gerar novas práticas. Neste artigo são apresentados alguns dados das duas edições da pesquisa Idosos no Brasil – de 2006 e 2020 – realizadas pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) e pela Fundação Perseu Abramo, que tiveram como objetivo investigar o imaginário social brasileiro sobre a velhice e subsidiar o debate em torno de políticas públicas (ou sua ausência) para os idosos. A partir de temas como acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), trabalho remunerado e renda, reforma da previdência/aposentadoria, hábitos culturais e, em consonância com o momento de impacto mundial da pandemia do coronavírus, a repercussão de determinações e classificação dos velhos como grupo de risco para a covid-19, além de breves apontamentos sobre marcadores sociais em perspectiva interseccional, convidamos os leitores a refletir sobre o envelhecimento e as condições das pessoas idosas no Brasil na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** pesquisa Idosos no Brasil; idosos; covid-19.

**ABSTRACT**

*The knowledge production through surveys also becomes a path for learning about social processes, with the possibility of new practices creation. In this article, some of the data from the research Elderly in Brazil – de 2006 and 2020 – carried out in partnership between Social Service of Commerce and Perseu Abramo Foundation aimed to investigate the brazilian social imaginary about old aging and support the debates about public policies (or their absence) for the elderly people. From the access to SUS (Health Unic System), paid work and income, pension and retirement reform, cultural habits and, in line with the global impact of the corona vírus pandemic and the repercussion that determined and categorized the elderly as risk group for covid-19, beyond brief notes about social markers in an intersectional perspective, we invite readers to think on the aging process and nowadays conditions for the elderly in Brazil.*

**Keywords:** research Elderly in Brazil; elderly; covid-19.

## 1. PESQUISAR É PRECISO!

No fim das contas, o conhecimento só serve e só adquire sentido para a humanidade à medida que contribui para melhorar sua capacidade de fluir a vida e para diminuir o sofrimento humano (...) Podemos, então, ver o conhecimento como fator de liberdade. Gildo Magalhães

A elaboração de métodos e técnicas de pesquisa foi fundamental para a análise de fenômenos sociais e tornou-se uma ferramenta de distanciamento para elaborar conhecimento sobre a sociedade, universo no qual estão todos inseridos e, portanto, sujeitos a perspectivas limitadas a olho nu. As pesquisas seriam os artifícios que podem ser associados ao processo que o sociólogo Octavio Ianni relembra como “desencantamento do mundo”, remetendo a Max Weber, um dos fundadores da sociologia. É como se estivéssemos imersos em sono quando olhamos para a realidade social sem estas lentes que por vezes ampliam e por vezes reduzem o objeto de interesse, deslocando-o em favor de um maior campo de visão.

Por isso, além da partida do fato, da elaboração de problemas e hipóteses que fazem parte do processo que antecede a pesquisa, é importante a dimensão de escuta que caracteriza – ou ao menos poderia caracterizar – um processo de investigação social sobre determinado segmento. Produzir conhecimento a partir de uma pesquisa é assumir a perspectiva da aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de novas práticas e avaliação já postas. Os questionamentos, as necessidades de análises dinâmicas de um cenário nascem de uma realidade, de um contexto que nos estimula a analisá-lo e conhecê-lo, já que “as perguntas brotam sempre de necessidades muito concretas” (Alves, 1981, p. 46).

Nas pesquisas em ciências humanas faz-se necessário estabelecer um diálogo com os sujeitos, ouvir suas vozes, entender suas necessidades. No caso de uma pesquisa *sobre e com* pessoas idosas deve-se levar em consideração que o processo de envelhecimento é multidimensional – biopsicossocial – assim, há que se pensar em velhices, em envelhecimentos singulares.

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se

**Artigo 6**

Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil

dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida (Chizzotti, 2000, p. 11).

É nesse sentido que, perante a aplicação de uma pesquisa e suas sistematizações, as contribuições e perspectivas se acumulam para a elaboração de políticas públicas por agentes da sociedade atuantes nesse segmento, e para que o próprio cidadão se (re)conheça nos dados e não seja mero objeto de produção de conhecimentos.

**2. IDOSOS NO BRASIL: PESQUISA EM DOIS TEMPOS**

O Sesc São Paulo<sup>1</sup> e a Fundação Perseu Abramo<sup>2</sup> lançaram, em agosto de 2020, os resultados da segunda edição da Pesquisa Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade com o objetivo de investigar o imaginário social brasileiro sobre a velhice e subsidiar o debate em torno de políticas públicas (ou sua ausência) para os idosos.

A primeira edição, concluída em 2006, com amostragem proposta em nível nacional, de forma inédita, preencheu uma lacuna importante na ação de escuta dos velhos no Brasil, propondo expor algumas questões. Quem são? Qual é seu imaginário? O que pensam dos jovens? Quais suas práticas de lazer? O que pensam da morte? Quais são suas fontes de renda? Enfim, um retrato da velhice no Brasil três anos após a promulgação do Estatuto do Idoso (2003).

A segunda edição de Idosos no Brasil foi realizada entre janeiro e março de 2020 – portanto, período anterior à pandemia do covid-19 – e entrevistou, da mesma forma que em 2006, idosos e não idosos. As duas edições podem ser comparadas e oferecem um recorte no tempo das seguintes informações sobre o envelhecimento: perfil sociodemográfico; identidade e autoimagem do idoso; preocupação com a morte; Estatuto do Idoso e direitos; educação; saúde; relações familiares e laços afetivos; Instituições de Longa Permanência (ILPI); violência, desrespeito e maltrato ao idoso; trabalho remunerado e renda; e reforma da previdência/aposentadoria.

Venturi e Bokany (2007) nos contam que quando a primeira edição da Pesquisa Idosos no Brasil foi gestada e estruturada, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2005 mostrava que o grupo de cidadãos brasileiros com 60 anos ou mais já se aproximava dos 18 milhões, número significativo que indicava uma mudança na pirâmide populacional brasileira, uma vez que até os anos 1980 o Brasil era considerado um país jovem, característica que foi se alterando

**1** O Sesc é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário e da comunidade em geral; sua ação possibilita a todos o acesso a manifestações culturais, desenvolvimento de habilidades pessoais, além da ênfase às ações educativas.

**2** A Fundação Perseu Abramo é uma instituição privada que foi criada em 1996 para constituir um espaço fora das instâncias partidárias, voltada ao desenvolvimento da reflexão político-ideológica, à promoção de debates, aos estudos e pesquisas com pluralidade de opiniões e isenção.

em decorrência da diminuição da taxa de natalidade e do aumento da expectativa de vida.

Diante desse cenário, tornava-se urgente uma investigação sobre esse grupo populacional e, principalmente, havia a certeza de que para sua estruturação não se poderia prescindir da participação dos cidadãos idosos, de especialistas no tema do envelhecimento, de organizações do poder público e da sociedade civil que atuavam junto às pessoas idosas<sup>3</sup>.

Assim, seminários de planejamento da pesquisa foram organizados durante o ano de 2006 – para o levantamento de temas a serem abordados e a estruturação de questionários –, além de encontros de sensibilização com as equipes de entrevistadores que estariam em campo. Vale lembrar que apesar de, naquele momento, não estar prevista uma segunda edição da pesquisa, sua necessidade se impôs diante de questões prementes, como o envelhecimento populacional mundial, a crise da previdência em diversos países e a percepção da necessidade de políticas públicas voltadas especificamente a esse grupo populacional.

Ainda que tenha alcançado maior visibilidade na contemporaneidade, a questão do envelhecimento ainda é tratada principalmente como problema, numa abordagem que reforça preconceitos. O imaginário social é repleto de mitos e estereótipos que percebem o envelhecer apenas como período de perdas e carências. Com o aumento da expectativa de vida e a estruturação de políticas se consolidando para lidar com as demandas sociais, fala-se mais da velhice, que se tornou objeto de estudos e estatísticas.

Desta forma, a segunda edição surgiu como uma maneira de avaliar o que mudou – se algo mudou – nos 14 anos que separam as duas investigações. Com esse intuito – e para manter a possibilidade de comparação – a estrutura dos temas e dos questionários foi mantida com pouquíssimas alterações. Além disso, o Sesc São Paulo e a Fundação Perseu Abramo perceberam a necessidade de se incluir uma pesquisa qualitativa, que não fazia parte da primeira edição.

Não mais inédita, mas ainda com a proposta de trazer e abordar perspectivas diferentes do envelhecer em 2020, a pesquisa traz elementos para a discussão atual e possibilita que se desvende, por meio dos seus dados, além das diferenças socioeconômicas entre os grupos raciais – uma das consequências do racismo estrutural e de nossa herança escravagista –, outras situações sistemáticas de desvantagens para idosos pretos e pardos. Assim, ainda que de maneira incipiente, a repercussão perversa do racismo estrutural no envelhecimento de negras e negros no Brasil são desvelados. Importante reforçar que não

**3** Entre os participantes dos seminários estavam Olga Quiroga, coordenadora do Grupo de Articulação de Moradia do Idoso na Capital (Garmic); Marco Tulio de Assis Figueiredo, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); Oscar Dell Pozzo, do Movimento Idosos Solidários (MIS); José Custódio de Almeida, do Sindicato Nacional dos Aposentados; e acadêmicos da PUC/SP, entre outros. Para mais detalhes e relato da metodologia da pesquisa do Sesc/FPA, assim como das etapas de sua construção, sugerimos a leitura do capítulo de Gustavo Venturi e Vilma Bokany indicado na bibliografia deste artigo.

**Artigo 6**

Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil

basta apenas expor estes dados e, sim, poderem ser utilizados como base para políticas de compensação.

Vale apontar a importância de um movimento que estimule as mais variadas formas de cruzamentos de dados e interpretações de diferentes áreas de estudo porque como tantos outros processos sociais, o envelhecimento também se beneficia de uma abordagem transversal, com leituras de marcadores sociais em perspectiva interseccional. Envelhecer na perspectiva de negritude, sem habitação, sendo periférico ou sendo parte da população LGBTQIA+, para citar apenas algumas situações marcantes nesse sentido, é importante para uma interpretação mais complexa do que categorizações isoladas podem oferecer.

**3. EXPLORANDO ALGUNS DADOS EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Um olhar lançado às edições de 2006 e 2020 nos permite identificar algumas alterações em temas como, por exemplo, grau de escolaridade, renda domiciliar, acesso dos velhos ao SUS, entre outros. Podemos olhar isso como uma mudança nessa categoria – qual seja, a dos maiores de 60 anos – ou podemos ainda perceber essas transformações como geracionais, o que significa dizer que estamos “gestando” essa categoria muitos anos antes.

Assim, no item referente ao grau de escolaridade, temos que enquanto em 2006, 7% dos idosos tinham ensino médio completo; em 2020 esse número chegou a 15%. Um aumento de 8%, notado, também, em relação ao ensino superior: se em 2006, 4% dos idosos entrevistados tinham ensino superior, em 2020 o número subiu para 8%. Seguindo esta tendência de maior acesso à educação, caiu o número daqueles que nunca foram à escola, de 18%, em 2006, para 14%, em 2020. Trata-se de uma mudança que corresponde, em larga medida, à elevação geral da escolaridade formal que aparece em outras pesquisas no país nas últimas décadas.



**Vale apontar a importância de um movimento que estimule as mais variadas formas de cruzamentos de dados e interpretações de diferentes áreas de estudo porque como tantos outros processos sociais, o envelhecimento também se beneficia de uma abordagem transversal, com leituras de marcadores sociais em perspectiva interseccional.**

Em contrapartida, nos 14 anos que separam as duas edições da pesquisa e como reflexo das políticas econômicas adotadas no Brasil, a renda domiciliar mensal entre os idosos teve uma importante queda. O número de idosos que ganhavam mais de 5 salários-mínimos caiu de 11%, em 2006, para 7%, em 2020. Em 2006, enquanto 43% dos idosos tinham renda mensal de até 2 salários-mínimos, em 2020 esse número passou a 45%. Já o número daqueles com renda entre 2 a 5 salários-mínimos caiu de 30%, em 2006, para 24%, em 2020. Sem entrar no mérito da desvalorização de renda do ponto de vista macroeconômico no país nesse intervalo, que demandaria maiores digressões, pode-se aferir com essas reduções um impacto importante nas famílias, chefiadas ou não por pensionistas, que têm nos idosos um provedor estável. Inclusive quando perguntados sobre o controle das próprias finanças, já em 2006 relataram ter esse domínio, que se confirma na reaplicação da pesquisa nesta última edição.

Talvez reflexo das questões econômicas, houve aumento da procura pelo serviço público (SUS): se em 2006, 68% dos idosos procuravam atendimento médico nos postos de saúde, em 2020 esse número subiu para 79%. Na mesma linha de reflexão, apontamos que o uso de plano de saúde particular caiu de 24% para 18% de 2006 para 2020. A coleta de dados da segunda edição da pesquisa aconteceu e se encerrou pouco antes da pandemia da covid-19 no Brasil e, entendemos que aqui vale apontar a importância que assumiu o SUS como forma de acesso universal a tratamentos e cuidados médicos.

Com base nos primeiros meses de evolução, sobretudo com a experiência de combate ao vírus da covid-19 na região da Lombardia, Itália, os idosos tornaram-se um segmento de atenção pela alta taxa de mortalidade. Esse dado, tão significativo quanto incipiente para conclusões sobre uma doença nova, propagando-se em proporções geométricas, tornou-se a base para que os idosos passassem a ser denominados como “grupo de risco”. Sem maiores digressões a respeito da inadequação do termo, que só faz deturpar as medidas necessárias para conter o avanço de quaisquer endemias, firmou-se nesse sentido um senso comum ambivalente de acusação e cuidado.

Um idoso fora de casa passou a ser admoestado de forma ostensiva. Olhando os dados da pesquisa FPA/Sesc 2020, depreendemos que 63% são chefes de família, enquanto os não idosos perfazem 43% nesse papel do arranjo familiar. Composto esse dado com o fato de que 17% moram sozinhos, percebe-se que são grandes as chances de que os idosos não tenham alguém que possa executar tarefas como ir ao



**Artigo 6**Velhices no Brasil: um panorama do  
envelhecimento no país a partir da  
Pesquisa Idosos no Brasil

supermercado ou à farmácia, consideradas essenciais e admitidas durante o isolamento social requerido para conter o avanço da covid-19. Outro dado da pesquisa que corrobora com esse cenário agressivo para a autonomia dos velhos é o fato de que 1 a cada 4 idosos recebem ajuda para realizar suas atividades fora de casa – sendo que a maior parte dessa ajuda vem dos filhos.

Se antes da pandemia a falta de autonomia era vista como um fardo nessa faixa etária, durante esse período ela passa a ser reprimida nesta chave simplista do “grupo de risco”. Os relatos desse tipo de agressão revelaram, pelas circunstâncias, os mais vulneráveis a essa atitude: idosos andando a pé, em transporte coletivo e sozinhos são os mais assediados. Em que pese o fator de o estudo ser recente para sua maturação, pode-se inferir com esses indícios que tais situações atingiriam de forma sensível aqueles cuja renda é menor.

Durante os preparativos para a segunda aplicação da pesquisa, foram revistos todos os temas e o questionário a fim de atualizar as questões que haviam ganhado outros contornos e, ao mesmo tempo, se mantivesse a comparabilidade que permitiria uma visão desse segmento nesse intervalo de tempo. Uma das questões sensíveis nesse sentido eram as perguntas sobre a morte, porque ainda que a pesquisa inicial tenha sido elaborada com múltiplas contribuições de representantes implicados nesse segmento, percebia-se ali uma armadilha. Ao considerar esse um dos temas centrais, o estudo aceita, de certa forma, que a morte estaria correlacionada à velhice, quando na perspectiva mais elevada desse debate seria um tema inerente à existência presente em qualquer idade.

Para manter a comparabilidade, as perguntas foram mantidas e 78% dos idosos não têm medo da morte (65% da amostra geral comendo idosos e não idosos afirma não ter medo da morte). Em outra questão, encontramos as afirmações que sustentam esse destemor: “a morte é parte da vida”, “tenho medo da dor e sofrimento, e não da morte”, “ainda quero realizar coisas”. Nesse momento da pandemia, tais questões ganham outra dimensão para percepções sobre os cenários vividos, posto que a covid-19 demanda um isolamento da pessoa enferma, frequentemente um sofrimento físico intenso e uma adaptação ostensiva dos ritos fúnebres.

Em uma sociedade que trata o envelhecimento como um plano de previdência no qual o indivíduo deve capitalizar hábitos saudáveis para o acúmulo de fortuna em tempos futuros, a saúde torna-se um assunto capital – com toda a dubiedade que o termo evoca. Nessa chave, os idosos que recebem o olhar de aprovação são aqueles que se alimen-

tam bem, não adoecem e praticam atividades físicas, quase nunca associadas ao prazer e sim à funcionalidade desse corpo que “não deve falhar”. Nesse sentido, o cenário da pandemia também trouxe dilemas, posto que, quando questionados sobre sua atividade favorita, 46% apontaram caminhada, que caiu 5 pontos percentuais desde 2006, e em segundo lugar andar de bicicleta e praticar alongamento, que cresceram 4 pontos percentuais desde a primeira aplicação. Houve menções à ginástica, à musculação, à hidroginástica e à natação, que não apresentaram variação nesses 14 anos de intervalo e, entre as novidades, destaca-se a menção ao pilates (2%).

No que se refere às atividades de lazer domésticas, a mais praticada é assistir à televisão (93%), percentual sem alteração desde 2006. Já o rádio caiu 9 pontos percentuais na preferência, e a leitura passou de 52% para 61%. No que se refere às atividades de cuidados, houve uma queda de 20 pontos percentuais no interesse por plantas e uma elevação de 14% por animais. Vale lembrar que os idosos valorizam as relações pessoais e familiares, algo que certamente teve desdobramentos nesse momento, sobretudo para os que moram sozinhos, durante o período de isolamento para conter a covid-19.

Vale ressaltar que, pelo aumento das preferências por atividades externas em detrimento das domésticas, esses idosos gostam mais de ficar fora de casa. Entre as atividades externas eleitas para o tempo livre aparecem passeios, atividades físicas e religiosas. No caso dessas últimas, observou-se que, durante esse momento de contenção de saídas, instituições religiosas adotaram plataformas virtuais para realização de seus ritos, estimulando muitos idosos a se aproximarem dessas tecnologias para o alcance de suas práticas.

Houve um aumento geral nas menções de frequência em atividades culturais como cinema (28%), teatro (5%), exposições (4%) e apresentações musicais (21%), algo que pode ter conexão direta com o aumento da escolaridade supracitado e com a oferta, ainda que intermitente, de opções e políticas de acesso nesse sentido. Em 2006, por exemplo, 52% sabiam do desconto para espetáculos, já em 2020, 61% estavam cientes do benefício. No entanto, trata-se de um campo que demanda uma leitura multifatorial, com recortes para maior assertividade de análise.

Quando inquiridos sobre o que gostariam de fazer, os idosos mencionam viajar como atividade favorita. A respeito dessa grande expectativa de desfrutar do tempo livre com a velhice e o suposto afastamento do trabalho, são mencionados como impedimentos a falta de dinheiro, a falta de saúde e de companhia.

**Artigo 6**

Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil

4 O TSI do Sesc São Paulo teve início em 1963 com a proposta de formação de grupos de convivência e, a partir da década de 1970, com escolas abertas da terceira idade. Enquanto os grupos pretendiam estimular a sociabilização, nas escolas abertas o âmbito de atuação centrava-se na educação permanente, criando espaços de educação não formal e informal para a continuidade do aprendizado nas mais diversas áreas. Os formatos foram incorporados e reproduzidos por instituições em todo o Brasil nas ações que surgiram, desde então, voltadas ao trabalho com o velho.

**4. COMO OS DADOS PODEM ALIMENTAR A AÇÃO INSTITUCIONAL**

As ações do programa Trabalho Social com Idosos (TSI)<sup>4</sup> do Sesc utilizam dados da pesquisa, entre outras fontes, como subsídio para suas ações. Atualmente, somente no estado São Paulo, cerca de 39 unidades operacionais oferecem atividades em três eixos de atuação para os idosos: corpo e movimento; arte e expressão; e sociedade e cidadania.

As informações obtidas pela pesquisa corroboram com o que é observado nas unidades. Por exemplo, mesmo partindo do princípio de que existem várias velhices, quando o tema é acesso ao lazer, muitas questões sociais se fazem presentes.

O contato direto com os idosos nas unidades do Sesc permite a obtenção de respostas que aprofundam os dados. Quando questionados informalmente sobre a frequência em espetáculos de teatro, os idosos revelam vários motivos.

Algumas questões surgem. Muitos nunca foram ao teatro, na infância ou juventude, e acabam preferindo a TV, que é mais familiar para eles. Outros preferem não sair durante a noite por medo da violência, por enxergarem mal ou por falta de companhia. Em relação a outras linguagens, como cinema e dança, acontece o mesmo. Apesar dos valores subsidiados dos ingressos, o gasto financeiro também aparece como obstáculo.

Baseados na pesquisa e nas informações das conversas com o público, os técnicos responsáveis pela programação do TSI em cada uma das unidades desenvolvem ações que possam aproximar os idosos das linguagens artísticas. Assim, são criadas oficinas, bate-papos e apresentações diurnas de alguns espetáculos, sempre com a intenção de estreitar o contato dos maiores de 60 com as manifestações artísticas. As artes são trabalhadas no eixo arte e expressão.

Outro trabalho semelhante que também serve de exemplo da relação entre pesquisa e ação cultural é realizado no eixo sociedade e cidadania, que trata de temas que dizem respeito à velhice na contemporaneidade, como a questão da autoimagem, relacionamentos familiares, morte, letramento digital e sexualidade, entre outros. Segundo dados da pesquisa, cerca de 62% dos idosos entrevistados nunca usaram redes sociais e 72% nunca utilizaram aplicativos. Esses números com certeza sofreram grande alteração depois de março de 2020, período de conclusão da pesquisa e também de início da pandemia. Mesmo antes do isolamento por conta do coronavírus, as unidades do Sesc já trabalhavam junto ao público idoso com letramento digital, conside-



## **O contato direto com os idosos nas unidades do Sesc permite a obtenção de respostas que aprofundam os dados. Quando questionados informalmente sobre a frequência em espetáculos de teatro, os idosos revelam vários motivos.**

rando a necessidade de inserção dos maiores de 60 na vida online. Ao longo de 2020, esse trabalho se intensificou e hoje muitos idosos que frequentavam o Sesc presencialmente mantêm contato com a instituição apenas por atividades online em diferentes aplicativos.

Esses exemplos nos mostram que a pesquisa possibilita que as atividades propostas pelo Sesc possam se ancorar em informações o mais próximas possíveis da realidade vivida pelos velhos no Brasil.

### **5. GÊNERO E COR**

Parte da responsabilidade social das instituições que desenvolvem pesquisas constitui-se de participar e estimular o debate e a disseminação dos dados encontrados para que possam apontar falhas, limitações e necessidades de mudanças na sociedade retratadas nos resultados.

O censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica as pessoas segundo cor ou raça, que é declarada pela própria pessoa de acordo com as seguintes opções: branca, preta, amarela, parda ou indígena (IBGE, 2020). Dados da Pnad (2019) mostram que a população residente no Brasil estava dividida em 42,7% de pessoas brancas, 9,4% pretas e 46,8% pardas e, desse total, 10,8% são pessoas com mais de 65 anos de idade.

Pretos e pardos quando somados formam mais da metade de nossa população (56,2%), no entanto, são eles que representam a maioria, também, nos índices de desigualdade. Na distribuição de renda, pretos e pardos são 75,2% do grupo formado pelos 10% da população com os menores rendimentos. Embora, em 2018, tenha aumentado o número de pretos e pardos cursando ensino superior (de 50,5% em 2016 para 55,6% em 2018), ainda assim esse percentual está abaixo ao de brancos da mesma faixa etária (78,8%) segundo o IBGE (2019).

Nesse caso, chamamos atenção para essa interseccionalidade idade/raça/cor, gênero e escolaridade: os dados colhidos na segunda

**Artigo 6**

Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil

**5** O SUS é um dos maiores e mais complexos sistemas de saúde pública do mundo, abrangendo desde a atenção primária até o transplante de órgãos, garantindo acesso integral, universal e gratuito para toda a população do país. O SUS proporcionou o acesso universal ao sistema público de saúde, sem discriminação. A atenção integral à saúde, e não somente aos cuidados assistenciais, passou a ser um direito de todos os brasileiros.

edição da pesquisa indicam que, na questão da escolaridade, as mulheres negras e pardas respondentes que não sabem ler e escrever chegam a cerca de 50% da amostra, enquanto há 15% das mulheres brancas idosas que apontam serem analfabetas.

Da mesma forma, outro indicativo que podemos ler como reflexo do racismo estrutural em nossa sociedade refere-se ao acesso à saúde. São as/os pretas/pretos e pardas/pardos que mais utilizam o SUS<sup>5</sup>. Embora a pesquisa indique que, de maneira geral, o SUS acaba por ser o acesso mais importante e frequente para as pessoas idosas em geral, ainda assim apresenta-se essa diferença entre brancas/brancos, pretas/pretos e pardas/pardos.

Trata-se de um recorte emergente para o momento atual, o que não satura as possibilidades de leitura que advêm de um olhar mais verticalizado sobre os dados, com cruzamentos novos e hipóteses de leitura. A pesquisa não é um retrato da realidade, ela é um convite a mais perguntas, a partir dos referenciais que oferece.

**6. PESQUISA QUALITATIVA**

A edição 2020 também realizou uma pesquisa qualitativa com os idosos, na qual foram feitas entrevistas mais longas que permitiram ao idoso se manifestar mais profundamente sobre diversos assuntos. Alguns temas escolhidos para essas entrevistas não foram contemplados na primeira edição da pesquisa – como sexualidade, planos de moradia para o futuro, como gostam de ser chamados, o que pensam sobre a morte, relacionamentos familiares e como gostariam de gastar seu dinheiro. No intervalo de 14 anos, entre a primeira e a segunda edição, esses temas passaram a ter mais importância para a sociedade. Por isso para manter a possibilidade de comparação entre as duas edições quantitativas, foram incluídos na qualitativa. Os relatos foram colhidos em cinco capitais representativas do Brasil, são elas: São Paulo, Porto Alegre, Campo Grande, Salvador e Belém.

Interessante observar que fazem parte das temáticas pesquisadas na qualitativa em 2020 questões sobre sexualidade, planos de moradia para o futuro, conhecimento de direitos, relações familiares, visão dos idosos em relação a assuntos polêmicos como o aborto, entre muitas outras. Essas alterações mostram que, de algum modo, a percepção do envelhecer também está mudando, o aumento do número de pessoas

idosas pressiona a necessidade de mudanças, bem como a sua participação ativa na vida social.

Sobre como moram, a maioria dos idosos mora sozinho ou com o cônjuge, muitos moram com filhos(as) ou netos(as) e até mesmo com bisnetos(as). Sobretudo no contexto da pandemia, é possível observar que os idosos com sua renda e habitação representam um porto seguro para as famílias. Alguns idosos vivem o retorno dos filhos por diversos motivos, tais como situação econômica, separação e questões de saúde.

A conquista da casa própria representa, em muitos casos, o trabalho de uma vida inteira, e é comemorada como tal. Até mesmo porque significa uma conquista de muitos migrantes que saíram de suas cidades para tentar um destino melhor. Como comenta o sr. J., 80 anos, de Belém: “Foi o que eu ganhei na minha vida, a minha casa boa”. Também existem os que moram de aluguel ou em habitações cedidas, emprestadas. Faz-se necessário lembrar que não foram entrevistados idosos em situação de rua, por isso esses dados não aparecem aqui.

A questão da habitação também aparece na pergunta: onde você imagina morar em dez anos? As respostas mostram que liberdade e autonomia são os desejos de todos para o futuro, seja morando sozinho, com companheiros ou filhos. Não foram citadas as Instituições de Longa Permanência (ILPI)<sup>6</sup> ou os novos arranjos como repúblicas ou *cohousing*<sup>7</sup>. As ILPI ainda são vistas unicamente como asilos, um lugar para onde ninguém quer ir. Já o *cohousing* e as repúblicas não são citados pelos entrevistados, talvez porque seja necessária uma maior autonomia financeira.

Sempre existiu muita dificuldade na questão dirigida aos entrevistados sobre como gasta seu dinheiro e paga suas contas. Idosos que abrigam a família em suas casas próprias consideram sempre que é o filho que o ajuda a pagar uma conta, nunca dizem “eu ajudo meu filho, aqui ele não paga aluguel”. Os idosos contam também que economizar sempre fez parte de suas vidas. “A gente leva na calma, sem tumulto, sem nada. Se um dia não dá pra comprar o pão, a gente não compra e vai tudo certo, graças a Deus. Deus faz tudo por nós e não deixa faltar”, diz J., 85 anos, de Campo Grande. Quando perguntados sobre como gostariam de gastar seu dinheiro, chama a atenção a escassez. “Seria assim, algumas besteirinhas, um pão de queijo, alguma coisinha boa e às vezes um desodorante, tinta de cabelo, acetona, cotonete, algodão, pasta de dente”, diz G., 60 anos, de Porto Alegre.

**6** Conforme Camarano e Kansa (2010), para a Anvisa, ILPI são instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas em domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania.

**7** O *cohousing* é uma fórmula de convivência em que seus moradores, ou sócios, projetam e administram por conta própria o edifício em que vivem, no qual moradias privadas são integradas com áreas comuns – das quais eles também se encarregam –, que funcionam como uma extensão das residências particulares. Na comunidade, geralmente constituída como uma cooperativa, todas as tarefas são planejadas e distribuídas de modo a aproveitar todas as sinergias – tanto as pessoais e profissionais dos sócios quanto as funcionais, levando em conta a arquitetura e a localização do imóvel e dos terrenos em volta. Saiba mais em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/20/internacional/1555761718\\_539199.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/20/internacional/1555761718_539199.html)

**Artigo 6**

Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil

**8** O Benefício de Prestação Continuada (BPC) está previsto na Lei 8.742, de 7 de dezembro de 1993, a Lei Orgânica de Assistência Social, no artigo 20: “O benefício de prestação continuada é a garantia de um salário-mínimo mensal à pessoa com deficiência e ao idoso com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção nem de tê-la provida por sua família”.

A renda dos entrevistados vem na maior parte da aposentadoria que, em média, é de um salário-mínimo. Há também os que recebem pensão e o Benefício de Prestação Continuada<sup>8</sup> (BCP/Loas). Muitos trabalham informalmente para completar a renda. “Ah, mas eu trabalho, faço serviços por aí. Eu tenho dispensado serviços, eu não tô querendo, agora com minha perna tá difícil, então tô largando por conta da idade, né? Eu vejo cara de 60 anos, que não tá aguentando andar”, diz J., 89 anos, de Campo Grande.

As mulheres relatam que trabalharam a vida inteira, mas como não recolheram o INSS não têm o direito de se aposentar. Entre as que sempre estiveram executando serviços para a família ou trabalhos informais, existem as que declaram nunca ter trabalhado. Uma das entrevistadas chegou a comprar e pagar a sua casa própria com esse seu “não trabalho”, ao qual continua a recorrer para bancar as despesas necessárias para sobreviver.

Interessante notar que ao aprofundar a discussão sobre o bom e o ruim de envelhecer, nota-se que alguns entrevistados se referem aos velhos como “aos outros”. É como se eles não se incluísem com um certo grau de certeza entre os idosos. Isso acontece na faixa entre 60 e 69 anos. Essa atitude muda após os 70 anos. Infelizmente, essa reação ao envelhecimento está presente em todas as faixas etárias, o velho sempre é o outro. O pensamento que se apresenta é “eu ainda não, eu ainda tenho tempo”.

A pesquisa qualitativa se estende ainda por vários outros temas como acesso à saúde, desejos para o tempo livre e contribuições dos idosos ao mundo moderno.

Os adjetivos que qualificam o tom da maior parte das respostas são: perda, ausência, restrição. Eles falam do lugar reservado aos velhos na sociedade mas não falam de como os velhos realmente são. Essa diferenciação é muito importante. Existe um discurso coletivo que designa um lugar aos que envelhecem. Esse discurso nega o direito

à expressão da sexualidade, reduz os direitos previdenciários, nega o reconhecimento às mulheres idosas que trabalharam a vida inteira como donas de casa ou em trabalhos informais. Porém, os idosos demonstram que, se não fosse por esse ambiente que os envolve e de alguma maneira determina seu destino, eles gostariam de viver de modo diferente. Encontrar um namorado(a), viajar, praticar esportes, sentar para simplesmente conversar e aproveitar seu tempo livre, ter uma renda mínima, acesso à saúde e ser reconhecido por sua história de vida são algumas questões apresentadas. A velhice surge na ausência da possibilidade dessa vida cotidiana. Portanto, a representação da velhice na sociedade impregna o próprio envelhecer.

#### **7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Michel Foucault (2006, p. 151), ao responder sobre o papel do intelectual na sociedade em uma entrevista, afirma que de maneira alguma cabe dizer “eis o que devem fazer” e, sim que “Cabe àqueles que se batem e debatem encontrar, eles mesmos, o projeto, as táticas, os alvos de que necessitam. O que o intelectual pode fazer é fornecer os instrumentos de análise”. Ao olharmos para a realidade social com intuito de não só de desvelar suas estruturas mas, também, de alterá-las, devemos lançar mão desses “instrumentos” que se nos apresentam um cenário.

Sem dúvida um dos grandes valores da pesquisa Idosos no Brasil foi se constituir como espaço de diálogo em que os velhos puderam ser ouvidos não só no momento de sua estruturação mas, também, como respondentes, intérpretes e interlocutores nas sistematizações. Assim, ultrapassando e rompendo com a ideia de que – apesar de serem os sujeitos de quem se fala e supostos “beneficiários” da investigação – as pessoas idosas teriam pouco ou nada a contribuir, o Sesc e a Fundação Perseu Abramo entenderam que as pessoas idosas deveriam ser vistas como parte de todo o processo investigativo e, conseqüentemente, participarem nas tomadas de decisão advindas de seus resultados. Certamente, a conseqüência dessa “ousadia” está em desvelar aspectos que, de outra forma, talvez não encontrassem visibilidade.



**Artigo 6**

Velhices no Brasil: um panorama do envelhecimento no país a partir da Pesquisa Idosos no Brasil

**8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, R. (1981). *Filosofia da ciência*: introdução ao jogo e suas regras. Disponível em: [https://www.academia.edu/11493132/A\\_filosofia\\_da\\_ciencia\\_de\\_Rubem\\_Alves](https://www.academia.edu/11493132/A_filosofia_da_ciencia_de_Rubem_Alves). Acesso em: 1º set. 2020.
- BRASIL. Leis e decretos. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. *Estatuto do idoso*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm). Acesso em: 30 jan. 2021.
- BRASIL. Leis e decretos. Lei 8742, de 7 de dezembro de 1993. *Lei orgânica da assistência social*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18742.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18742.htm). Acesso em: 8 fev. 2021.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 232-235, jun. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So102-30982010000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-30982010000100014&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 8 fev. 2021.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Disponível em: [http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas\\_em\\_Ciencias\\_Humanas\\_Sociais.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010-1/2SF/Claudio/5Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf). Acesso em: 28 ago. 2020.
- EL PAÍS. *Cohousing, a revolução dos 'velhentials' contra a solidão*. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/20/internacional/1555761718\\_539199.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/20/internacional/1555761718_539199.html). Acesso em: 8 fev. 2021.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 22 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- IANNI, O. *Sociologia da sociologia*. São Paulo: Ática, 1989.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). *Território brasileiro e povoamento*. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros/populacao-negra-no-brasil.html>. Acesso em: 10 set. 2020.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *PNAD Contínua*. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf). Acesso em: 10 set. 2020.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acesso em: 10 set. 2020.
- LEIVA, J. (org.). *Cultura SP: hábitos culturais dos paulistas*. 1ª edição. São Paulo:

Tuva Editora, 2014. Disponível em: [http://www.pesquisasp.com.br/downloads/livro\\_cultura\\_em\\_sp.pdf](http://www.pesquisasp.com.br/downloads/livro_cultura_em_sp.pdf). Acesso em: 8 fev. 2021.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO; Fundação Perseu Abramo. *Pesquisa públicos de cultura*. 1. edição, 2013. Disponível em:

<https://www.sesc.com.br/portal/site/publicosdecultura/pesquisa/#:~:text=A%20pesquisa%20P%C3%ABlicos%20de%20Cultura,pr%C3%A1ticas%20culturais%20do%20p%C3%ABlico%20brasileiro.&text=P%C3%ABlicos%20de%20Cultura%20%C3%A9%20uma,quatrocentas%20entrevistas%20em%2013%20munic%C3%ADpios>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO; Fundação Perseu Abramo. *Pesquisa idosos no Brasil*. 1. edição, 2020. Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102\\_](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102_)

PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+VIVENCIAS+DESAFIOS+E+EXPECTATIVAS+NA+3+IDADE. Acesso em: 21 ago. 2020.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO; Fundação Perseu Abramo. *Pesquisa idosos no Brasil*. 2. edição, 2020. Disponível em: [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/14626\\_PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+2+EDICAO+2020](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/14626_PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+2+EDICAO+2020). Acesso em: 21 ago. 2020.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO; Fundação Perseu Abramo. *Pesquisa idosos no Brasil: fase qualitativa*. 2. edição, 2020. Disponível em [www.sescsp.org.br/tsi](http://www.sescsp.org.br/tsi). Acesso em: 21 ago. 2020.

VENTURI, G.; BOKANY, V. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In NERI, A. L. (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc, 2007, p. 21-31.